

40 ANOS DE *O TEXTO NA SALA DE AULA*: ENTREVISTA COM O PROFESSOR JOÃO WANDERLEY GERALDI

Adriana Delmira Mendes Polato*

Adriana Beloti**

Márcia Cristina Greco Ohuschi***

Em 2024, o livro *O texto na sala de aula* (1984) - grande marco que ajudou a consolidar a virada do ensino tradicional prescritivo e normativo para uma perspectiva enunciativa e discursiva de ensino de línguas no Brasil - faz 40 anos. Esse livro e outros de João Wanderley Geraldi, como *Portos de passagem* (1991), *Linguagem e Ensino: exercícios de militância e divulgação* (1996), *A aula como acontecimento* (2010), figuram as referências de um pesquisador ético e responsável quanto a qualquer eixo de ensino ligado à educação linguística no país. São obras que também se encontram recomendadas em planos de ensino de cursos de Licenciatura em Letras e de formação continuada de professores. Da mesma forma, são lidas nos campos da educação, dos estudos da linguagem e outros. Nessas discussões, Geraldi não apresenta receitas, mas se revela um pesquisador crítico, ético, responsável e politicamente comprometido com a vida social.

Seu ponto de partida é pensar novas concepções de sujeito, de língua, de aula, de interação professor-alunos e, por adição, novas compreensões para o trabalho com todas as práticas de linguagem. Junto com isso, lança a inaugural proposta de prática de análise linguística - prática reflexiva e cognitiva que se alinha às demais - a dissolver o ensino centrado na gramática tradicional, que imputa o arquivamento da língua e a estagnação da consciência socioideológica dos sujeitos (Franchi, 1987, Geraldi, 1991; Volóchinov, 2018). No entanto, dialógico em sua natureza de pesquisador, Geraldi não despreza o ensino dessa gramática, mas propõe sua recolocação no interior da prática de análise linguística.

Geraldi - o homem pesquisador - assume um posicionamento axiológico de reconhecimento do importante papel representacional da linguagem e costura suas proposições no fio da relação entre as linguagens, ideologias e sujeitos,

arguindo por uma educação linguística comprometida com a vida, que abarque as dimensões discursivas e enunciativas, axiológicas, ou ideológicas, da linguagem.

Junto com outros companheiros, João Wanderley trava uma luta para que não se ensine apenas o nome de estruturas sintáticas a meninos que passam fome, mas que se ensine, por exemplo, que “eu quebrei o prato e o prato se quebrou” (Geraldi, 2016) constituem-se formas diferentes e possíveis de representação do mundo e de relações sociais pela linguagem, que dizem de como e do quanto assumimos responsabilmente nossos atos, ao enunciarmos em dada situação em que nos colocamos como sujeitos com e perante outros e, por consequência, operamos com e sobre a linguagem.

Além de promover esse debate, Geraldi foi um pesquisador que empreendeu ações reais. Nos anos de 1980 e de 1990, trabalhou com formação de professores, a divulgar suas reflexões, críticas e propostas renovadas de ensino. Ele pensou o Brasil por meio de uma proposta de educação linguística que fosse significativa para um país democrático.

A vozes de Geraldi não se esgotaram. Pelo contrário, estão vivas, mais que nunca atuais, e ainda precisam ser reverberadas, ser mais bem ouvidas na profundidade de sua dimensão científico-política tão necessária. Por isso, temos a honra de replicá-las e de divulgá-la nesta entrevista, com o suporte da *Revista Educação e Linguagens*:

Entrevistadoras: Professor Geraldi, o senhor é um autor notável. Suas ideias percorreram os cursos de formação inicial e continuada de professores de língua. Suas obras são consideradas nos diálogos com a pedagogia, por exemplo. Vários pesquisadores tomam seu trabalho como baliza e, em especial, *O texto na sala de aula* (1984). Nos fale um pouco das situações amplas e imediatas de produção desse seu primeiro livro marcante, *O texto na sala de aula* (1984).

Professor Wanderley Geraldi: Esta coletânea de textos foi organizada para um curso de extensão promovido pela Assoeste, uma associação que reunia as secretarias municipais de educação do Oeste do Paraná. Foram oferecidas vagas para todos os professores de Língua Portuguesa da região, o que

demandou a organização de 11 turmas para aproximadamente 600 professores. A “apostila” foi publicada em forma de livro, distribuído aos participantes e aos autores dos textos. E imediatamente novas edições de mil exemplares foram feitas pela Assoeste, até a editora Ática assumir sua publicação, oportunidade em que dois textos foram excluídos e dois novos textos incluídos na coletânea.

Para mim, a repercussão deste livro se deve muito à época que vivíamos: a luta pela redemocratização que desaguou no movimento das diretas-já. E com a nova realidade política, a sociedade volta-se para as universidades para buscar nelas propostas de mudanças em várias áreas: economia, educação, telefonia, tecnologia... É bem verdade que frequentemente encontraram as gavetas vazias. Mas o acaso fez encontrarem a proposta de ensino de língua que é o centro deste livro.

Entrevistadoras: Professor, como o senhor avalia a inserção de sua obra para discutir o ensino de língua materna e, logo, como pensa que os reflexos de suas discussões contribuem para se pensar em relações sociais mais respeitadas, éticas, justas?

Professor Wanderley Geraldi: Como a proposta de ensino abre o espaço da sala de aula para a entrada de narrativas orais e de textos sobre a realidade social, levando os estudantes e professor@s a discutirem o mundo da vida trazendo-o para o mundo da cultura (nos sentidos propostos por Bakhtin), e como se propõem ações neste mundo com publicações de livrinhos de histórias, jornais murais ou impressos, correspondência entre estudantes de diferentes escolas e cidades, tudo isso abriu algum espaço de atuação das turmas. Certamente a atenção à voz dos estudantes já é um começo de relações menos hierárquicas a que a escola estava habituada. Estes eram objetivos não explícitos dos textos que compõem a coletânea. Chamo atenção para uma nova visão das variedades linguísticas que afloram na sala de aula, fugindo ao conceito escolar de erro.

Entrevistadoras: Professor, em *O Texto na sala de aula* e *Portos de Passagem*, o senhor foca em discutir o ensino de língua. Que relação estabelece entre essas

duas obras, por exemplo, e outras que parecem apresentar um tom político mais afiado, para discutir o uso da linguagem e as relações sociais, como *Linguagem e ensino: exercícios de militância?*

Professor Wanderley Geraldi: Todos estes textos mantêm a mesma perspectiva política e pretendem seguir a filosofia de educação de nosso mestre Paulo Freire, com diferenças metodológicas mais ou menos óbvias: não procuramos antecipadamente temas geradores, mas as histórias trazidas pelos estudantes os continham. Percebê-los dependia da capacidade (e posição política) de@s professor@s. O que pode significar que vários temas poderiam coocorrer. Há, sim, diferenças entre estes livros: *O texto na sala de aula* é uma coletânea em que o princípio de organização levava em conta um conjunto de temas pilares (variação linguística, concepções de linguagem, práticas usuais do ensino da língua portuguesa e uma proposta de um possível caminho para este ensino desde a alfabetização, dando centralidade ao texto (sempre concebi o texto como a superfície de um discurso, superfície a ser atravessada para a construção de uma compreensão mais profunda possível, sabendo que sempre estas compreensões deixarão vazios). *Portos de passagem* é um livro de aprofundamento teórico das concepções de linguagem, de seu funcionamento social e uma fundamentação teórico-prática das intervenções possíveis do professor na reescrita dos textos junto com seus alunos, realizando operações linguísticas que alteram o estilo do texto dado ou mesmo o adaptam a uma gramática mais comum entre os falantes. *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação* é uma coletânea de textos meus e recebeu este título porque uma das “acusações” frequentes que recebi foi de que não fazia “ciência”, mas militância na divulgação das concepções bakhtinianas e nos textos de intervenção na realidade escolar. O título conversa com um grupo, e eu assumo que aquilo de que me acusavam era precisamente o que considerava adequado assumir e fazer para um professor universitário num país de pobres que sustentam a universidade pública. Não porque não soubesse fazer estudos descomprometidos com a realidade social – a vasta bibliografia de *Portos de Passagem* mostra o que eu lia e minha dissertação de mestrado e alguns de meus textos talvez comprovem que eu sabia fazer o que outros linguistas

consideraram seu único papel. Para mim, que venho da geração que lutou contra a ditadura, fazer só isso era pouco.

Entrevistadoras: Percebemos que, em 1991, em *Portos de passagem*, resultado de sua tese de doutoramento, o senhor apresenta contribuições teórico-metodológicas fundantes para o ensino da leitura, da escrita, da prática de análise linguística. O que o impeliu a contribuir com a reflexão sobre o ensino de todas essas práticas?

Professor Wanderley Geraldi: Como afirmei antes, este livro fundamenta toda a proposta contida no livro *O texto na sala de aula*. Por isso não poderia tomar um só aspecto e tratar dele. Teria que dar conta do todo da proposta, ou estaria sendo incoerente. Talvez, uma das maiores confusões que minha terminologia criou foi o sintagma “práticas de análise linguística”. Porque o adjetivo “linguística” foi confundido com a Linguística. No entanto, aqui era apenas um adjetivo, e se referia à linguagem (muito mais do que à língua). Como se pode notar nas operações selecionadas – e factíveis na reescrita – elas são em geral da ordem da estilística, não no sentido depreciativo que o termo adquiriu como “embelezamento” da linguagem, mas como outras formas de dizer. Afinal, o domínio da língua inclui a capacidade de transitar pelas diferentes formas de dizer.

Entrevistadoras: Se o senhor pudesse resumir seus anseios quando discutiu o ensino de língua materna, olhando para o panorama do Brasil em 2024, o que reafirmaria, como principal, aos professores de língua materna?

Professor Wanderley Geraldi: Que não se deixem levar pelo já pronto, mas inventem caminhos, experimentem, façam da vida não um ensaio de aplicação de sequências didáticas formuladas por outros, de aulas já dadas. Que tragam para dentro da sala de aula a vida vivida, e que o tempo de estar junto com seus estudantes seja tempo de vida vivida, de experiência compartilhada, de que sobrem lembranças e esperanças num futuro outro, mais equitativo e mais humano. Que os afetos assim construídos mostrem que não só o útil e

pragmático deve ditar nossas ações, mas, também, nossas utopias e nossos afetos. Um estudante que saiba construir compreensões da vida e dos textos que lê, que consiga estabelecer relações afetuosas com os outros e os respeite, será sempre o melhor prêmio que um professor possa almejar. Uma boa nota no ENEM é consequência e não o objetivo da educação linguística.

Entrevistadoras: Professor, no conjunto de sua obra, o senhor abriu portas para se discutir aspectos éticos e políticos, que envolvem o ensino de língua materna. Nesse sentido, o senhor acha que avançamos no ensino de língua materna tanto quanto poderíamos, desde o início da década de 1980?

Professor Wanderley Geraldi: Certamente não avançamos. Penso que os inúmeros documentos que apareceram o demonstram: PCN, BNCC são, para mim, símbolos de retrocesso, de engessamento, um modo de exorcizar o acontecimento na sala de aula, de excluir o particular em nome de um saber geral e inútil, de viver a vida como se fosse um ensaio teatral sempre longe da apresentação final. Sabemos que a vida não é ensaio. Que os saberes são múltiplos. Que há alternativas ao como vivemos. Que viver, enfim, para usar uma expressão roseana, é estar no meio do redemoinho. Tudo o que obriga a uniformizar vai contra a experiência e faz da vida mero experimento.

Entrevistadoras: Este turno é para sinalizar que o senhor pode construir uma resposta livre a alguma pergunta que não fizemos, mas que gostaria de responder.

Professor Wanderley Geraldi: Aqui, confesso que sonhei. Que enunciei meus sonhos nas viagens constantes e nos encontros que pude ter com professor@s. Confesso que nossa geração fracassou. Como explicar este surgimento da obscuridade, do fascismo, na política brasileira se não assumindo este fracasso? Afinal, o sucesso do obscurantismo se dá sobretudo nas regiões mais escolarizadas do país! A educação não teria nada a ver com isso? Quando alguns falam em implantar uma escola sem partido, sempre rio: nada mais sem

partido do que a universidade brasileira de um modo geral (as exceções são particulares e apontáveis).

Notas

* Doutora em Letras, professora do Colegiado de Letras e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento da Universidade Estadual do Paraná – *Campus* de Campo Mourão. E-mail: adriana.polato@ies.unespar.edu.br

** Doutora em Letras, professora do Colegiado de Letras e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento da Universidade Estadual do Paraná – *Campus* de Campo Mourão. E-mail: adriana.beloti@ies.unespar.edu.br

*** Doutora em Letras, professora da Faculdade de Letras do Campus de Castanhal, do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Pará. E-mail: marciagreco@ufpa.br

Referências

FRANCHI, C. Criatividade e gramática. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas-SP, v. 9, p. 5-45, 1987.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula: leitura & produção**. Cascavel: ASSOESTE, 1984.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas, SP: Mercado das Letras, ALB, 1996.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 71-80, 2010.

GERALDI, J. W. Dialogia: do discurso à estrutura sintática. In: RODRIGUES, R. H.; ACOSTA-PEREIRA, R. (org.), **Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em Linguística Aplicada**. São Carlos, Pedro & João Editores, 2016, p. 179-190.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário: Sheila Grillo; Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2018[1929/1930].